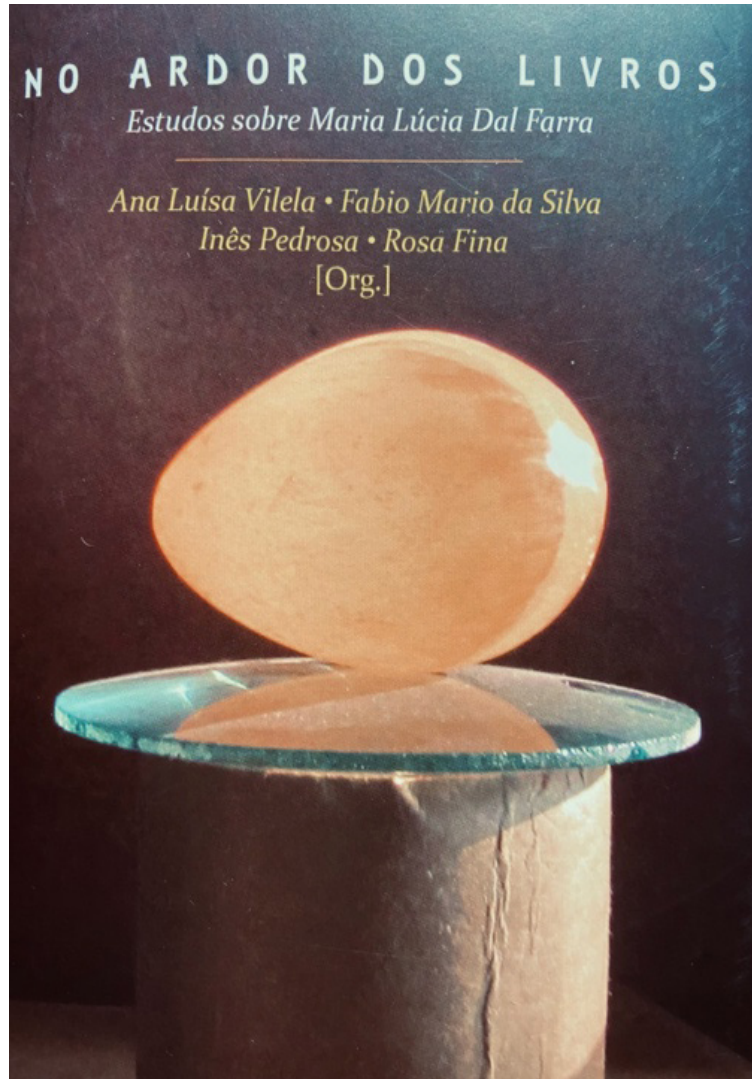


LER E DEPOIS

VILELA, Ana Luísa; SILVA, Fábio Mário da; PEDROSA, Inês; FINA, Rosa (orgs.). *No ardor dos livros. Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra*. Natal: Arc Edições / Sol Negro, 2021.



É comum, dentro dos mais diferentes cenários acadêmicos, as instituições prestarem homenagem àqueles que devotaram a sua trajetória ao ensino e à pesquisa. Muitas vezes, esse reconhecimento chega muito tardiamente, quando o(a) homenageado(a) já não pode gozar do preito porque sua ausência já se faz entre nós. Ainda assim, o tributo rendido não perde o seu valor nem tem a sua importância diminuída. O grande problema reside, quase sempre, no *timing* atrasado de uma reverência que deveria ter sido concretizada em vida.



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Em contrapartida, há também aqueles que não caem nesse procedimento padrão e decidem muito felizmente dar visibilidade à relevância da trajetória do(a) homenageado(a), rendendo-lhe o justo laurel diante de sua presença. Assim, além de publicitar e divulgar o conjunto de um trabalho reconhecido entre os seus pares, as homenagens também possibilitam que outros leitores, pesquisadores e interessados nos vieses abordados pela homenageada, possam com ela estabelecer diálogos e usufruir também das contribuições que ainda tenha para oferecer a toda uma comunidade.

Esta minha exposição inicial vem muito a propósito da feliz, oportuna e justíssima iniciativa de Ana Luísa Vilela (professora da Universidade de Évora, Portugal), Fábio Mário da Silva (professor da UNIFESSPA, Brasil), Inês Pedrosa (reconhecida escritora portuguesa, autora de títulos já muito conhecidos do público) e Rosa Fina (investigadora do CLEPUL/ Universidade de Lisboa, Portugal), em reunir num único volume textos de ex-aluno(a)s, ex-orientando(a)s e amigo(a)s de Maria Lúcia Dal Farra, a respeito de sua trajetória acadêmico-científica e de sua produção literária (poesia, ficção e ensaio).

Mestra maior e um dos nomes incontestáveis na área dos estudos literários portugueses, Maria Lúcia Dal Farra tem um percurso profissional irretocável. Mestre e Doutora em Literatura Portuguesa pela FFLCH/USP, onde teve como orientadora outro nome fundamental da área – a saudosa Profa. Dra. Maria Aparecida Santilli –, Dal Farra é autora de obras ensaísticas e artigos fundamentais para o ensino, a pesquisa e a extensão dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras, no Brasil e no exterior. Basta lembrar, nesse sentido, duas de suas *magna opera*: *O narrador ensimesmado* (O foco narrativo em Vergílio Ferreira), Editora Ática, 1978; e *A alquimia da linguagem*. Leitura da cosmogonia poética de Herberto Helder, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

Para além desses dois escritores paradigmáticos da literatura portuguesa do século XX, as reflexões de Maria Lúcia Dal Farra expandem-se para outro(a)s tanto(a)s, tal a sua desenvoltura e a sua envergadura ensaística extremamente ampla e multifacetada: Agustina Bessa-Luís, Adélia Prado, Adília Lopes, Ana Luísa Amaral, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Fíama Hasse Pais Brandão, Gilka Machado, Helder Macedo, Inês Pedrosa, Judith Teixeira, Maria Teresa Horta, Miguel Torga, Paula Tavares, Rui Pires Cabral, dentre muitos outros nomes que poderiam ainda aqui comparecer.

Mas, é com, ao lado e através de Florbela Espanca que a figura de Maria Lúcia Dal Farra atinge uma grandiosidade e uma reverberação incontornáveis. Responsável pela meticulosa edição crítica do primeiro livro da poetisa portuguesa (*Trocando olhares*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994), a investigadora brasileira assume-se como uma das mais proeminentes conhecedoras e sensível interlocutora da obra florbeliana. Nesse sentido, é preciso já destacar a delicadeza dos organizadores da presente coletânea de testemunhos e estudos sobre a homenageada, ao disponibilizar uma belíssima fotografia da professora, onde os tons de roxo e rosa fluem de maneira plástica e harmoniosa.

Ou seja, revelando as suas duas principais facetas, a coletânea *No ardor dos livros* obedece a uma organização que, também, longe está de ser gratuita ou inocente. Vale destacar que, em publicações dessa natureza, quase sempre, as entrevistas tendem a aparecer nas páginas finais. Aqui, peço licença para sublinhar a forma inteligente com que a estrutura foi desenhada, porque, no lugar de terminar com a palavra da ensaísta e da escritora, o(a)s organizadore(a)s decidiram muito sabiamente deslocar para o início (Capítulo I) uma longa e densa entrevista com Maria Lúcia Dal Farra, dando visibilidade, assim, para a voz da mulher, da escritora, da professora e da pessoa iluminada que ela é.

Arquitetada em quatro grandes seções, a coletânea de estudos organiza-se, como já apontamos, em “Entrevista”, seguida de “Depoimentos”, “Maria Lúcia Traduzida” e “Artigos” (sobre a sua obra poética, ficcional e ensaística). Por esta breve apresentação, percebe-se que o enfoque dado à obra da autora segue uma ordem lógica e coerente. Somente depois de ouvirmos a sua voz, pela entrevista conduzida por Ana Luísa Vilela, conhecemos Maria Lúcia pelas vozes de outro(a)s, por dimensões linguísticas outras que não apenas a sua língua portuguesa – Chris Gerry, Matteo Pupillo e Mercedes Gómez Almeida revelam os meandros das traduções em inglês, italiano e espanhol, respectivamente, com dados, informações e inferências pontuais sobre a escrita poética de Dal Farra – e, por fim, pelos diferentes prismas analíticos que os seus textos propiciam.

Por mais que autora tente confirmar a tese de que não passa “de uma figura em fiapos” (*apud* VILELA *et al.*, 2021, p. 10), logo damos conta de que, na verdade, o seu vigor e a sua vitalidade ainda estão muito longe de ceder espaço àquela “derradeira carcaça” (*apud* VILELA *et al.*, 2021, p. 11). Ao ser interrogada sobre as reverberações de sua condição feminina na sua produção escrita, Maria Lúcia Dal Farra concede uma das mais vibrantes afirmações de vida:

Creio que a condição feminina se encontra na própria compleição da minha linguagem, por mais objetiva que eu me faça ser. Para além disso, combato por ela, quero explorá-la, exprimi-la nos meandros em que me percebo nela; quero, por vezes, falar dela, tomar seu partido, defendê-la. É sempre o lugar onde estou, de onde falo, onde quero estar e que muito prezo (*apud* VILELA *et al.*, 2021, p. 29).

Ora, toda essa paixão pela forma de se expressar no e com o feminino está presente nos seus versos e nos seus contos, tal como a entrevista e os muitos artigos que compõem o Capítulo IV revelam. Nesse sentido, sem pretender qualquer tipo de hierarquização entre os belos textos integrantes dessa seção, é necessário destacar as leituras pontuais de Catherine Dumas, Cláudia Pazos Alonso, Deolinda Adão, Isa Severino, Jonas Leite e Patrícia da Silva Cardoso. E, para além desses diálogos intertextuais, essa mesma paixão, aliada à “própria compleição da [...] linguagem”, também constitui a força motriz que a leva ao encontro de Florbela Espanca, num magnetismo recíproco e sedutor, e, ao mesmo tempo, imprime uma aproximação necessária e íntima

com a poética de Herberto Helder. Por mais contraditórios que esses movimentos possam parecer ao leitor comum, eles ganham uma dupla justificativa. A primeira pode ser encontrada na referida entrevista, em que Dal Farra revela sem pudores:

Declarando bem à queima-roupa, guardei o ímpeto feminino de Florbela e a vontade de autonomia poética do Herberto. Penso que procedo assim, mas só o meu leitor me dirá se sim ou não, mesmo porque essa reunião estapafúrdia é um grande paradoxo ou mais que isso – um baita disparate. Por exemplo, eu faço poemas sobre a Florbela, mas pego o Herberto para epígrafe dos meus. Mas, no fundo, estar com eles é pura inventação minha, é desejo, é vontade dessa companhia que prezo tanto – não sei se realização (*apud* VILELA *et al.*, 2021, p. 28).

No meu entender, muito longe de ser um disparate, essa capacidade de reunir vertentes paradigmáticas da poesia portuguesa, tão paradoxais entre si, desvenda uma sensibilidade analítica na escolha, na recolha e na articulação do pensamento crítico dal farriano, e consolida-se na concretização de sua escrita prismática, seja na ficção, seja na poesia ou mesmo no ensaio. Daí que os artigos igualmente pontuais de Adriana Sacramento, Edson Santos Silva, Helder Garmes e Rogéria Alves Freire, além de outros, propiciam um caminho de leitura muito coerente com essa prática de criação.

Vem em boa hora, portanto, o volume *No ardor dos livros*, Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra (Arc Edições / Sol negro, Natal, 2021), porque os leitores podem contactar diretamente a rica produção da autora e professora homenageada, nas suas mais distintas dimensões genológicas. Do ensaio à poesia, desta para a ficção e dos universos ficcionais aos discursos testemunhais, é possível conhecer também uma outra faceta da autora galardoada com o Prêmio Jabuti 2012, em Poesia (com *Alumbramentos*, 2012), e semifinalista na mesma categoria do Prêmio Oceanos 2018 (com *Terceto para o fim dos tempos*, 2017): estamos diante de um ser humano iluminado, luminoso, radiante e vibrante. Pura vida em rosa, roxo e em todas as cores.

Nesse sentido, os depoimentos de Ana Maria Domingues de Oliveira, Marlise Vaz Bridi, Adriana Sacramento (*et alii*) e Inês Pedrosa compõem um quadro de generosidade e solidariedade que entenece, mesmo aqueles que não conhecem Maria Lúcia Dal Farra pessoalmente. Mas, não posso deixar de destacar o belíssimo e comovido testemunho de Paulo Motta Oliveira que, a partir da epígrafe de Walter Benjamin (e sua reflexão sobre a tangibilidade do narrador da modernidade), assume o seu papel de “velho” para revigorar a capacidade rejuvenescedora de contar uma história e de reavivar a felicidade e a crença num futuro possível:

Assumo o meu status de velho, e, *enquanto velho*, de alguém que tem como uma das funções possíveis a de rememorar. Está certo, não temos, e agora converso diretamente com a Maria Lúcia, a idade da maior parte dos entrevistados de Éclea Bosi no magistral *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, mas também podemos, como eles, ampliar as margens do presente, trabalhando e reconstruindo aquilo que vivemos no passado. É uma outra forma de contar a história, escapando, ou, pelo menos, tentando escapar, das armadilhas das histórias oficiais e comemorativas. Nestes tempos em que estamos no Brasil não deixa de ser uma forma, mesmo que tênue, de resistência. [...]

Apresentei este texto em dezembro de 2019. Antes da covid-19. Antes do que está acontecendo hoje. Quando ele for publicado, infelizmente os mais de 26 mil mortos oficiais que existem hoje no Brasil terão sido em muito ultrapassados. Mas sou um otimista. Por isso, gostaria de renovar um voto que fiz no fim de minha fala. Que nos reencontremos, em 2024, um pouco mais velhos, para comemorar os 80 anos da Maria Lúcia. E que nesse futuro próximo possamos falar de um outro livro. Não do *Terceto para o fim dos tempos*, mas do, sugiro já um título, do *Quarteto de um mundo novo*. Ele virá, eu espero. Beijos, querida. E, novamente, obrigado por fazer parte da minha vida e da de muitos mais (in VILELA *et al.*, 2021, p. 52 e 58).

Infelizmente, as premonições apontadas no texto não só se confirmaram, como também ultrapassaram a nossa capacidade de tentar compreender o incompreensível e o injustificável. No entanto, o discurso comovente de Paulo Motta Oliveira reacende um caminho palpável de esperança, olhando para 2024 e vislumbrando um encontro de todos com Maria Lúcia Dal Farra, nas efemérides dos seus 80 anos. Que assim seja, até porque esta coletânea, tão sensivelmente organizada por Ana Luísa Vilela, Fábio Mário da Silva, Inês Pedrosa e Rosa Fina, encena o ensaio de uma festa maior e tão vibrante quanto aquela de 2019, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em Vila Viçosa, quando a autora foi homenageada com um congresso internacional, concomitante ao centenário da publicação do *Livro de mágoas*, de Florbela Espanca.

De forma incisiva e reverberativa, *No ardor dos livros* apresenta-nos Maria Lúcia Dal Farra, suas faces prismáticas e multifacetadas e seu exemplo maior e incontestável de vida, porque viver é, sim, um belíssimo gesto de resistência. E quando esta se encontra indissociável do gênio da poesia, da arte da ficção, do rigor do ensaio, enfim, do vislumbre da literatura, então, só nos resta seguir este exemplo e continuar – com e como ela – vivos e resilientes.

Bem haja, querida mestra.

Jorge Vicente Valentim
UFSCar